



**CRISTINO WAPICHANA**

---

**Terra, rio e guerra: a sina de um curumim**

Ilustrações de MACUXI

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

---

● Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental)

# De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”*



**N**uma primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e  
não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

### **RESENHA**

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

### **COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA**

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

### **PROPOSTAS DE ATIVIDADES**

#### **a) antes da leitura**

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

#### **b) durante a leitura**

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

#### **c) depois da leitura**

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

### **LEIA MAIS...**

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



## TERRA, RIO E GUERRA: A SINA DE CURUMIM

CRISTINO WAPICHANA

### UM POUCO SOBRE O AUTOR



**Cristino Wapichana** é escritor, músico, compositor, cineasta e contador de histórias. Patrono da Cadeira 146 da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo (APL), Cristino foi o escritor brasileiro escolhido pela Seção IBBY Brasil para figurar na Lista de Honra do IBBY 2018. Em 2014, recebeu a Medalha da Paz – Mahatma Gandhi. Já em 2017, ganhou o prêmio FNLIJ nas categorias Criança e Melhor Ilustração, o selo White Ravens da Biblioteca de Munique e foi finalista do prêmio Jabuti, repetindo o feito em 2019. Em 2021, alguns dos seus livros foram selecionados para o clube de leitura da ONU. Cristino Wapichana também é um dos autores da antologia *Apytama: floresta de histórias*, lançado em 2023 pela Editora Moderna.



### RESENHA

“Nosso lugar no mundo estava todo vestido de verde”, nos conta o narrador desta história, vistoso sob o olhar de *Kamum*, o sol, “confiante como a onça pintada passeando no seu domínio” enquanto espalha seus raios “como um grande cocar de fogo”. A chegada de caçadores desconhecidos, porém, interfere radicalmente na relação de intimidade e confiança que ele e seu povo estabelecem com o território, e os líderes da aldeia decidem que os velhos, as mulheres e as crianças devem partir, já que certamente haverá guerra. Sob o céu estrelado com pontos brilhantes que sinalizavam a presença de seus ancestrais, o protagonista e seu povo iniciam uma longa caminhada noturna para longe do lugar onde haviam crescido. Contando com apenas o mínimo, em busca da sobrevivência, eles descobrem que precisam se adaptar a um novo território, onde a floresta é mais densa e ninguém sabe ao certo distinguir as plantas medicinais das plantas venenosas. Um gesto de coragem e generosidade do narrador para salvar do afogamento um curumim da comunidade vizinha, porém, se revelará capaz de curar ressentimentos e lhes permitirá iniciar uma relação de amizade com o povo

que já vivia nas terras vizinhas àquelas que começavam a habitar. O povo *Maku*, então, passada a desconfiança inicial que remontava a desavenças passadas, se disporá a acolher calorosamente os recém-chegados.

Neste belo livro, Cristino Wapichana lança um olhar sensível para uma das questões mais problemáticas e recorrentes que assolam a humanidade: a guerra. O que acontece quando um povo estrangeiro se aproxima do território em que vivemos e crescemos, causando uma interferência irreversível em nosso modo de vida? O que significa deixar o lugar em que se vive por conta de um conflito? Quão vulnerável pode ser a posição daqueles que saem em busca de refúgio? Por que os homens insistem em guerrear? Será que a paz e a cooperação entre diferentes povos são possíveis? Como lidar com a diferença? Com muita sensibilidade, Wapichana nos leva a refletir sobre questões como essas, vitais para a humanidade como um todo. As poderosas metáforas criadas pelo autor evidenciam como, da perspectiva indígena, toda a floresta, assim como o percurso dos astros que nos observam à distância, é absolutamente viva e testemunha os conflitos humanos. Escutar a vida que permeia o ambiente que nos rodeia pode nos ajudar a encontrar respostas para os nossos conflitos mais urgentes.



### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Conto infantil

**Palavras-chave:** Povos indígenas, guerra, estrangeiro, ancestralidade, invasão, território, migração, cura, cooperação

**Componentes curriculares envolvidos:** Língua Portuguesa, História, Geografia

**Competências Gerais da BNCC:** 3. Repertório cultural, 9. Empatia e cooperação

**Tema transversal contemporâneo:** Diversidade cultural

**Objetivo de Desenvolvimento Sustentável:** ODS-16. Paz, justiça e instituições eficazes

**Público-alvo:** Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental)



## PROPOSTA DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro, *Terra, rio e guerra: a sina de um curumim*. Será que eles conhecem a palavra “curumim”, termo de origem tupi que designa, de modo geral, as crianças indígenas? Comente que diversas palavras que utilizamos cotidianamente têm origem na língua tupi. Assista com os alunos a este vídeo para que conheçam algumas delas, disponível em: <https://mod.lk/fuCuW>. Em seguida, apresente aos alunos o dicionário ilustrado de tupi-guarani e estimule-os a descobrir novas palavras dessa que é uma das línguas indígenas mais faladas no país, disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/> (acessos em: jan. 2024).
2. Chame a atenção da turma para a diagramação do título: será que os alunos se dão conta de que o R da palavra rio termina em uma linha reta horizontal, evocando um rio que corre?
3. De que maneira as palavras “terra” e “guerra” se relacionam? Será que os alunos se dão conta de que muitas guerras que assolam o mundo são travadas por causa de uma disputa de território?
4. Leia com a turma o texto da quarta capa e chame a atenção para a seguinte citação do livro, que traz questões bastante pungentes: “Eu ficava pensando: Por que que inventaram essas guerras? Por que as pessoas não podem viver em paz com as outras? Será que o destino de todos os homens é o caminho da guerra? Às vezes, eu não tinha vontade alguma de me tornar homem. Parece que nascem com a necessidade de provar que são uns melhores que os outros. Talvez seja por isso que brigam tanto...”. Estimule os alunos a refletir sobre essas perguntas, e a tentar, em conjunto, buscar respostas.
5. Chame a atenção para a dedicatória do livro, na página 5. O que os alunos entendem por “cordão ancestral”?
6. Leia com a turma as biografias de Cristino Wapichana e Charles Macuxi nas páginas 46 e 47. Ambos são artistas indígenas: comente que é direito garantido aos indígenas usar o nome de sua etnia como sobrenome. Leia com eles também as páginas do *síte* do Instituto Socioambiental dedicada aos povos Wapichana e Macuxi, para que os alunos saibam mais sobre a história e cultura dos povos de origem do autor e do ilustrador, cujos territórios se localizam em Roraima: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana> e <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi> (acessos em: jan. 2024).
7. Para que os alunos conheçam um pouco mais o autor do livro, assista com eles a esse depoimento de Cristino Wapichana, no contexto do projeto Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, realizado

pelo Itaú Cultural, em 2016, disponível em: <https://mod.lk/up6tM> (acesso em: jan. 2024). O escritor fala sobre o seu povo, tomando como ponto de partida um dos mitos originários, que conta como houve um tempo em que todos falavam uma mesma língua e como, depois que os seres deixaram de se entender tão facilmente, os pajés se tornaram responsáveis pela manutenção de *puri*, a magia que permite às coisas começar e recomeçar.

### Durante a leitura

1. Veja se os alunos notam como os arredores, o céu, os astros, os animais, o clima – tudo se mostra profundamente vivo na descrição do narrador. Chame a atenção para as metáforas escolhidas por ele, que sempre criam imagens que remetem aos seres que habitam a floresta. Em certo momento, por exemplo, as nuvens aparecem “acanhadas como filhotinhos de macaco com frio”.
2. Um personagem não humano assume um papel fundamental no decorrer da obra: *Kamum*, o sol, que ora atua como companheiro, ora como protetor e guia, ora como testemunha. Peça aos alunos que se atentem para o modo como *Kamum* atua em diferentes momentos do texto, procurando visualizar sua luminosidade em cada um desses momentos.
3. Chame a atenção para a diagramação do livro: algumas passagens aparecem em destaque, em caixa alta, com uma fonte diferente, em variadas cores, por vezes chegando a tomar uma página inteira – quando isso acontece, as palavras surgem sobre um fundo preto.
4. Veja se os alunos notam como as ilustrações de Macuxi são criadas com linhas luminosas, quase fosforescentes, que emergem de um fundo escuro. Peça para eles observarem os efeitos de profundidade criados pelo ilustrador e o modo como o artista utiliza pontos coloridos e linhas esfumadas para criar texturas.
5. Chame a atenção para a bela ilustração da página 37, menos realista do que as outras, em que o ilustrador dá vida aos espíritos das árvores, que aparecem dotadas de braços, evocando os ciclos que são fundamentais para a manutenção da vida.
6. Veja se os alunos percebem como, no início e no fim do livro, o encontro entre o garoto e os membros de outros povos se desenrola de modo muito diferente. O que permite que, entre o seu povo e os Maku, se estabeleça a paz?

### Depois da leitura

1. Quais são as guerras e conflitos territoriais que estão assolando o nosso mundo hoje e de quais os alunos já ouviram falar? Proponha uma pes-

- quisa e peça a eles que estejam atentos a informações a respeito no noticiário internacional. Em seguida, assista ao esclarecedor episódio *Guerra e Violência*, da Rádio Folhinha, em que o professor de relações internacionais Eduardo Mello explica para os pequenos como e por que uma guerra acontece, disponível em: <https://mod.lk/YZfqs> (acesso em: jan. 2024).
2. Veja com os alunos a este vídeo em que Cristino Wapichana reflete com bastante sensibilidade a respeito do ato de contar história e da importância de deixar que as histórias possam “brincar dentro de você” e revelar novas possibilidades para situações desafiadoras, incluindo situações de conflito, disponível em: <https://mod.lk/q361w> (acesso em: jan. 2024).
  3. Nas páginas 28 e 29, o narrador conta como, na última noite em seu território, encontra conforto olhando as estrelas ao lado de seu avô, que lhe revela que o caminho dos astros é o “caminho dos mortos”. Segundo o artigo divulgado pela Central de Notícias da Uninter, a astrologia indígena é “a mais antiga das ciências”, disponível em: <https://mod.lk/JOw7n>. Leia o texto com a turma e descubra como os conhecimentos indígenas anteciparam muitas descobertas que a ciência só faria séculos mais tarde. Vale a pena ainda assistir a fascinante palestra sobre astronomia indígena oferecida pelo Pajé Pitotó, pelo Cacique Awa Tenõdegua dos Santos, e por Cristiano Awa Kiririndju, em que as lideranças indígenas falam sobre o modo como compreendem os astros, disponível em: <https://mod.lk/vg4Vs> (acessos em: jan. 2024).
  4. Assista com os alunos ao primeiro episódio da série documental *Guerras do Brasil*, disponível em: <https://mod.lk/eovcw> (acesso em: jan 2024). Esse episódio mostra como as guerras provocadas pela invasão e colonização do Brasil há mais de 500 anos reverberam ainda em conflitos nos dias de hoje. Entre os entrevistados, está Ailton Krenak, um dos maiores pensadores indígenas do país.
  5. Será que os alunos sabem algo sobre como era, de fato, a vida dos povos do nosso continente antes da chegada dos europeus? Assista com eles a esta interessante reportagem da BBC News Brasil, que mostra como as pesquisas arqueológicas têm revelado muito a respeito da sofisticação, complexidade e integração das sociedades que aqui viviam, disponível em: <https://mod.lk/ipvcr>. Em seguida, para saber mais sobre as descobertas que a ciência tem feito sobre as complexas sociedades que habitavam a Amazônia, escute também com eles a esse episódio do podcast *O assunto*, disponível em: <https://mod.lk/xQTEb> (acessos em: jan. 2024).
  6. Como o autor comenta, segundo o Censo do IBGE de 2010, mais de 305 povos habitam o território brasileiro. Para saber mais a respeito de cada um deles, visite com os alunos a página Povos Indígenas do Brasil, organizada pelo Instituto Socioambiental, uma das principais ONGs defensoras dos direitos indígenas: <https://pib.socioambiental.org>. Nela, é possível encontrar o nome da maior parte dos povos originários que vivem no país e saber mais informações a respeito de cada etnia, incluindo um pouco de sua história, seu território e sua cultura. Em seguida, assista com os alunos ao documentário *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias falam um pouco sobre seus modos de vida, disponível em: <https://mod.lk/identida> (acessos em: jan. 2024).
  7. Você sabia que, embora o território brasileiro abrigue hoje apenas 20% das estimadas 1.175 línguas que tinha no ano de 1500, o Brasil ainda assim é um dos dez países com maior diversidade linguística no mundo, muito embora nenhuma das línguas indígenas tenha sido reconhecida como língua oficial? Você sabia que entre as línguas indígenas brasileiras existem línguas dos sinais e até uma língua de assobio? Para que os alunos compreendam um pouco mais a respeito da grande variedade de línguas que existe no Brasil, e descubram a sonoridade de algumas delas, assista com eles a essa esclarecedora reportagem de Camilla Costa para a BBC News Brasil, disponível: <https://mod.lk/zkwbd>. Para se aprofundar ainda mais no assunto e visualizar os troncos linguísticos e famílias das línguas faladas por aqui, vale também acessar a reportagem em texto, que apresenta uma série de gráficos e gravações em áudio e traduções de falas de diversas línguas indígenas, disponível em: <https://mod.lk/ks2pq> (acessos em: jan. 2024).
  8. Para conhecer mais de perto a criação musical de jovens artistas indígenas contemporâneos, escute com a turma a canção Território Ancestral, da cantora indígena Kaê Guajajara, disponível em: <https://mod.lk/u2gxv>, que traduz com pungência e sensibilidade a experiência vivida por seus ancestrais. Assista também ao videoclipe do rapper guarani Owerá, em que tradição e contemporaneidade se cruzam, disponível em: <https://mod.lk/zi479> (acessos em: jan. 2024).
  9. Os direitos dos povos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988 foram fruto de um processo de muita luta, porém são constantemente ameaçados e nunca inteiramente postos em prática. Para compreender melhor quais são os direitos garantidos aos povos indígenas, leia com a turma o seguinte texto disponível na página do Instituto Socioambiental: <https://mod.lk/g3hyn>. Em seguida, assista com os alunos ao memorável discurso proferido pelo jovem Ailton Krenak, porta-voz do movimento indígena, no Congresso Nacional em 1987 – certamente um dos momentos mais significativos da história do congresso brasileiro, disponível em: <https://mod.lk/kren7634> (acessos em: jan. 2024).

10. Para que os alunos tenham uma dimensão da riqueza e complexidade do pensamento indígena e do modo como ele dialoga com o conhecimento científico e com a sabedoria de diversos outros povos que habitam a Terra, assista com a turma ao primeiro episódio do ciclo Flecha, *A serpente e a canoa*, concebido e narrado por Ailton Krenak e dirigido por Anna Dantes, disponível em: <https://mod.lk/evi2k>. Estimule os alunos a assistirem às demais Flechas da mesma série. No site do projeto Selvagem, <https://selvagemciclo.com.br/>, é possível ter acesso a um conteúdo riquíssimo que aproxima a sabedoria ancestral e o pensamento científico (acessos em: jan. 2024).



**LEIA MAIS...**

#### **DO MESMO AUTOR**

- *A boca da noite*. Rio de Janeiro: Zit Editora.
- *O cão e o curumim*. São Paulo: Melhoramentos.
- *Sapatos trocados: Como o tatu ganhou suas grandes garras*. São Paulo: Paulinas.
- *Ceuci, a mãe do pranto*. São Paulo: Estrela Cultural.

#### **DO MESMO ASSUNTO**

- *A terra dos mil povos: História indígena do Brasil contada por um índio*, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.

- *Tembetá: conversas com pensadores indígenas*, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Marcia Wayna Kambeba. São Paulo: Polén Livros.
- *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico. Nova Lima (MG): Caos e Letras.
- *O menino trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!